

Ninguém crê em congelamento

Apesar de tanta precaução, ninguém acredita num choque econômico com a mesma proporção do Plano Cruzado, em 1986. Os segmentos de ponta, como o varejo, admitem: só um controle de preços — associado a medidas mais severas de corte no déficit público — seria capaz de frear o aumento da inflação. E só consideram-no viável para os preços industriais. Esse raciocínio, no entanto, não invalida a busca de proteção porque, dizem, mesmo sem choque têm de se proteger contra a própria inflação.

Mas a inflação é só um dos argumentos usados pelos empresários para não tornar público esse medo. Os lojistas justificam o “descontômetro” como mais uma forma de concorrên-

cia e para motivar o consumidor às compras, pois as vendas têm se mantido muito baixas. Só não conseguem explicar o porquê de os preços das notas fiscais serem os originais, com os abatimentos. As afirmações a respeito do efeito psicológico sobre os consumidores não convencem, nem à concorrência, para quem está clara a intenção de garantir um preço mais alto em caso de congelamento.

A dona de casa Zenaide Carvalho não consegue, como a maioria dos consumidores, perceber se o novo preço dos produtos decorre da inflação em alta ou da neurose pré-choque. Só sabe dos aumentos diários. “A única forma de acabar com isso seria termos um presidente de pulso firme”, diz. José Moreira, motorista, acha que seus Czs 30 mil de salário por mês poderiam render muito mais com os preços congelados.

Como bom mineiro, o cabo da Marinha Fernando César Vieira não acredita em choques: “O empresário é o primeiro a não cumprir as regras”, afirma, enquanto antecipa as compras de Natal para fugir da inflação. Para a orientadora educacional Cidinez Bittencourt, a renda mensal não dá a menor condição de antecipar as compras. Desanimada, não consegue ver congelamento ou qualquer outra medida que resolva o problema do País: “Não acredito em mais nada”, resume.



Francisco Alves/AE

Cidinez: descrença